

A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida por Herculano Alves

Estamos diante de um trabalho resultado de uma tese de doutoramento apresentada à Pontifícia Universidade de Salamanca na área da teologia bíblica em Abril de 2005, neste caso na área da história da versão portuguesa do texto bíblico pela pena do maior tradutor do texto para português, João Ferreira Annes d'Almeida.

O texto é editado pela Difusora Bíblica em conjunto com as Sociedades Bíblicas Lusófonas do Brasil e de Portugal e em parceria pela Universidade Católica Portuguesa. Ocorre esta publicação no 325º aniversário da editio princeps do Novo Testamento de João Ferreira de Almeida editado pela primeira vez em Amsterdão no longínquo ano de 1681. A partir dessa data João Ferreira de Almeida tornou-se o maior divulgador da língua portuguesa tendo sido feitos cerca de 150 milhões de exemplares da tradução quase completa da Bíblia (ou em partes) para português. Ainda hoje continua a servir de instrumento para as edições em português de algumas bíblias.

As Sociedades Bíblicas publicaram pela primeira vez o seu Novo Testamento em 1809. Agora dão às Igrejas e à cultura portuguesa um estudo sobre o maior sucesso editorial de sempre em língua lusa. O que não é pouco, e acresce ainda mais o facto de tal ser praticamente desconhecido da cultura portuguesa. Há portanto que o agradecer ao autor deste estudo – Herculano Alves – pois o presente trabalho nasce precisamente da necessidade de responder a uma questão que saltou ao seu pensamento: por que motivo(s) um autor tão conhecido e tão importante para a própria língua portuguesa e para a evolução das traduções bíblicas em português nunca foi sistematicamente estudado nem aparece nos grandes compêndios nem nas Histórias da Literatura Portuguesa? A presente obra responde cabalmente a este desafio.

Este desafio foi facilitado pela desconfeccionização contemporânea da exegese bíblica, a séria exegese bíblica. Por ter vivido longe da pátria (no oriente asiático), por ser membro da Igreja reformada calvinista, João Ferreira de Almeida foi silenciado pela Inquisição e desconhecido na sua pátria.

Na Europa tinha começado a longa e infundável tarefa de estabilização do texto bíblico crítico, quer para o Antigo como para o Novo Testamento. Johannes Buxtorf Sr., *Tiberias sive commentarius masorethicus*, Basileia 1620 tentava justificar que os pontos vocais do texto do Antigo Testamento teriam tido origem divina. Foi criticado por Cappel, *Critica Sacra*, Paris 1650, mas o seu filho Johannes Buxtorf Jr., *Anticritica seu vindiciae veritatis hebraicae*, Basileia 1653 encarregou-se de reeditar a teoria do pai.

No que diz respeito ao Novo Testamento, Teodoro de Bêze já tinha publicado 9 edições do texto crítico entre 1565 e 1611. A primeira edição de 1565 será reeditada por Abrahán Elzevir em 1624 em Leiden. A segunda edição deste texto em 1633 tornar-se-á o "textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum", isto é, o "textus receptus". Entretanto, a Poliglota de Londres é editada pelo bispo anglicano Brian Walton em 1657 incluindo nessa versão as recensões da Peshitta, da versão etiópica, da árabe, uma versão persa nos evangelhos e outras versões em siríaco. Mas é com Wells em Inglaterra entre 1707 e 1719 que começa a ser abandonado o textus receptus. Um outro quase contemporâneo de João Ferreira de Almeida, Johannes Bengel (1687-1752) será o primeiro a classificar os grupos de textos do texto crítico do Novo Testamento em dois grandes grupos ou escolas de recensão: o grupo asiático (com origem em Constantinopla) e o texto Africano (= Alexandrino e a Vetus Latina). Foi também o responsável por standardizar a pontuação e por dividir o texto em parágrafos.

No fim do século XVII o mundo da Reforma de que passa a fazer parte o novo pastor João Ferreira de Almeida já conhecia também duas versões da Bíblia em língua vernácula: a King James Version (Authorized Version) de 1611 e ainda em italiano a versão do protestante Giovanni Diodati (1607 e 1641). Era necessário, por outro lado, ir além da Vulgata sixto-clementina de Clement VIII de 1592 e oferecer uma versão em língua vernácula lusa. Ao traduzir para português o texto bíblico, João Ferreira de Almeida aproveitou as facilidades concedidas pela presença portuguesa nas costas de África e da Ásia, e por aí a palavra de Deus poderia passar a ser melhor conhecida.

Mas como prova Herculano Alves, a tradução da bíblia feita por Almeida foi adulterada na Holanda (p.530). Esta é uma das várias desilusões que o autor desta tese teve de enfrentar. O autor também está fortemente convencido que João Ferreira de Almeida não usou os originais para a sua tradução, mas serviu-se da bíblia espanhola de Reina-Valera (pp.454.530-531), e isto quer para o Antigo como para o Novo Testamento.

A investigação do doutor Herculano Alves está dividida em cinco grandes partes. No primeiro capítulo apresenta as fontes histórico-bibliográficas que ajudaram a reconstruir o percurso da bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida. São elencadas as fontes nacionais e estrangeiras

sobre esta figura ímpar. No capítulo seguinte é oferecido ao leitor uma biografia do grande tradutor lusitano desde o seu nascimento em 1628, passando pela sua conversão em 1642 no período de Malaca até à morte em Batavia em 1691. O capítulo terceiro enquadra cultural e historicamente a Bíblia traduzida por Almeida no contexto do final do século XVII e inícios do século XVIII no oriente holandês que a trouxe à luz, contexto esse de decadência do império português e de apologética polemista anti-católica. O grosso do trabalho surge no quarto capítulo com a descrição das diversas versões da bíblia traduzida por Almeida. Aí o leitor encontra as primeiras edições impressas, o elenco das fontes holandesas e é remetido depois para o extenso e riquíssimo apêndice final do elenco e localização das várias versões da bíblia de João Ferreira de Almeida. O catálogo das Obras Bíblicas de Almeida passa a ser o único conhecido e com mais de 2000 entradas.

O último capítulo consideramo-lo o mais argumentativo na medida em que discute quais os textos que terão estado na base da tradução para português levada a cabo por Almeida, e isto, claro está, a partir de argumentos filológicos, literários e estilísticos. Em suma, estamos perante um enorme e inovador contributo para o diálogo ecuménico bem como perante um notável enriquecimento da cultura portuguesa numa figura praticamente desconhecida, pois a cultura actual tem outros émulos.

José Carlos Carvalho